



GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

ISSN 2177-3688

PEDAGOGIA CRÍTICA DA INFORMAÇÃO: REFLEXÕES INICIAIS A PARTIR DO PROJETO DE EXTENSÃO RESILICOM

CRITICAL INFORMATION PEDAGOGY: INITIAL REFLECTIONS FROM THE RESILICOM EXTENSION PROJECT

Edvaldo Carvalho Alves – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Fellipe Sá Brasileiro - Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Geysianne Felipe Nascimento - Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Anna Cristina Caldeira de Andrada Sobral - Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Apresenta e reflete sobre as ações infoeducacionais de combate à desinformação desenvolvidas no âmbito de dois projetos, um de extensão e outro de pós-doutorado, em andamento em uma instituição federal de ensino superior no país. De natureza qualitativa, no tocante a abordagem da realidade, utilizou-se das técnicas e estratégias metodológicas da pesquisa-ação, tendo como bases epistemológicas a pedagogia crítica freiriana, a competência crítica em informação e a resiliência informacional. Com o combinado de ações propostas, esta pesquisa objetiva contribuir para a construção de uma percepção, no público-alvo dos projetos, de que a informação que chega a ele é, fundamentalmente, desinformativa, antes que estas possam se cristalizar como representativas do real, servindo, assim, de base para fomentar práticas de resistência ao contexto desinformativo contemporâneo.

Palavras-chave: desinformação; pedagogia crítica; resiliência informacional; ações infoeducativas.

Abstract: It presents and reflects on the info-educational actions to combat disinformation developed within the scope of two projects, one extension and the other post-doctoral, in progress at a federal institution of higher education in the country. Qualitative in nature, regarding the approach to reality, action research techniques and methodological strategies were used, based on Freire's critical pedagogy, critical information competence and informational resilience as epistemological bases. With the combination of proposed actions, this research aims to contribute to the construction of a perception, in the target public of the projects, that the information that reaches them is, fundamentally, uninformative before they can crystallize as representatives of the real serving, thus, a basis for promoting practices of resistance to the contemporary misinformation context.

Keywords: disinformation; critical pedagogy; informational resilience; infoeducational actions.

1 INTRODUÇÃO

Diante das assombrosas consequências políticas, sociais e de saúde, ocasionadas pela desinformação, tornam-se cada vez mais urgentes ações que se proponham a dirimir o alcance

e impactos deste fenômeno. Contudo, embora a disseminação de desinformação não seja invenção nova, mas sim algo presente na sociedade desde o século IV A.C., é na atualidade que ganha velocidade e alcance tissunâmicos, fazendo valer os fenômenos atrelados à disseminação da desinformação nomeados de hipervelocidade e hiperinformação (SERRANO, 2010; MORETZSOHN, 2017; BRISOLA, 2021).

Não são poucas as iniciativas e as abordagens propostas em diversas áreas do conhecimento, mas pretende-se aqui desenvolver uma abordagem inédita que reúne conceitos e ações com o propósito de gerar conhecimento, que propicie a resistência à desinformação. Este artigo traz os conceitos basilares aplicados no Projeto e um breve relato das primeiras ações com suas especificidades e intenções.

A hipótese é a de que com o combinado de ações propostas, seja possível criar a percepção de que a informação que chega é desinformativa antes que estas grudem. Proposta alinhada com Lewandowsky *et al.* (2020), no “O Manual da Desmistificação 2020”.

Como as desinformações podem ser grudentas, o ideal é se antecipar em relação a elas. É possível fazer isso explicando estratégias de argumentação manipuladoras ou enganosas — uma técnica conhecida como “inoculação”, o que torna as pessoas resilientes a futuras tentativas de manipulação. Uma potencial desvantagem da inoculação é que ela requer conhecimento avançado em relação às técnicas de desinformação e é melhor administrada antes que as pessoas sejam expostas à desinformação (LEWANDOWSKY *et al.*, 2020, p. 4).

Assim, desenvolveu-se a Ação Educacional de Resistência à Desinformação – Afetos e Resiliência na Perspectiva da Pedagogia Crítica da Informação. A ação educacional nasce da junção de um projeto de pós-doutorado, pautado na Pedagogia Crítica da Informação para o fomento à resistência à desinformação somado ao RESILICOM (Resiliência informacional na comunidade: (re) ações comunicativas no combate à desinformação), projeto de extensão vinculado ao Departamento de Comunicação da UFPB de fomento à resiliência informacional, sob o Grupo de Estudo e Pesquisa em Sociologia, Comunicação e Informação (GEPSCI). A ação está sendo desenvolvida junto à Escola Cidadã Integral Técnica (ECIT) Presidente João Goulart, no bairro de Castelo Branco, em João Pessoa – PB, e envolve alunos do ensino médio, com idade entre 15 e 19 anos, seus responsáveis, professores, funcionários e direção da escola, comunidade e universidade.

2 BASES EPISTEMOLÓGICAS

A ação pedagógica proposta se encontra alicerçada, principalmente, na Pedagogia Crítica de Paulo Freire (1967, 1996) e através do que aqui nomeamos de Pedagogia Crítica da Informação. Aglutina saberes da Competência Crítica em Informação (CCI), Resiliência Informacional Crítica e Inoculação, através de diálogos sobre o *Zeitgeist*¹, conceito e mecanismos de desinformação. Embora seja preciso compreender profundamente cada um destes conceitos para processar a pesquisa em andamento, aqui, até pelo propósito do evento, serão expostos os conceitos de forma basal, o que acredita-se ser o bastante para incitar a discussão e os possíveis desdobramentos de pesquisa.

2.1 Pedagogia Crítica

Fundada por Paulo Freire, a Pedagogia Crítica tem suas bases em autores como Marx, Engel, Hegel, Gramsci, e na Teoria Crítica, para propor uma educação emancipadora, que liberte o indivíduo do sistema que o oprime. Neste processo, educador e educando co-criam e re-criam o conhecimento na intenção de desvelar a realidade (FREIRE, 1987). A intenção pedagógica de Freire é fomentar o pensamento crítico através da passagem da curiosidade ingênua para a curiosidade epistemológica, acendendo a consciência de ser no mundo, formando sujeitos que se insiram no processo histórico, com consciência e agir críticos.

Com esta finalidade, a Pedagogia Crítica vai rejeitar a educação bancária, de cima para baixo, considerando os estudantes receptáculos vazios a serem preenchidos com o conhecimento que o professor detém, buscando uma educação dialógica, que parte do conhecimento que o estudante traz e de seus interesses, uma pedagogia do afeto, da prática da liberdade e oposta à dominação, que propõe uma reflexão dos humanos em suas relações com o mundo, não sobre um conceito de “homem” abstrato, patriarcal, dominador e opressor. Está pautada em relações nas quais existem simultaneidade entre ser e fazer no mundo, na práxis, onde a consciência e o mundo se relacionam, se criam, recriam e co-criam.

Para promover o pensamento, a consciência e ação críticas, Paulo Freire (1987, 1989) defende que para programar o conteúdo didático é necessária uma investigação prévia do pensamento-linguagem que se refere à realidade, à percepção da realidade, aos níveis desta percepção e às visões de mundo daquele(s) sujeito(s). Assim, o conteúdo didático considera o contexto em que os sujeitos estão envolvidos e seus “temas geradores”, ou seja, aqueles que

¹ Palavra alemã que significa espírito de época, espírito do tempo ou sinal dos tempos, introduzida por Johann Gottfried Herde, em 1769.

vão estimular o interesse e a curiosidade pelo aprender. Trata-se assim de uma pedagogia que “criticiza”, estimula criatividade, reflexão e ação verdadeiras sobre a realidade, sendo assim transformadora do sujeito, sujeita ou sujeite e também do mundo, trazendo consciência sobre a realidade, o que é absolutamente oportuno para fomentar a resistência à desinformação.

2.2 Competência Crítica em Informação

De acordo com Bezerra, Schneider, Brisola (2017), as primeiras discussões que fomentaram a CCI estariam presentes nas obras de Pawley (1998), Luke e Kapitzke (1999). Elas teriam nascido, ainda segundo estes autores, de uma necessidade de crítica as posturas meramente tecnicistas, em sintonia com um ideal mercadológico, e se encontrariam alicerçadas, epistemologicamente, na Pedagogia Crítica de Paulo Freire (ELMBORG, 2006) e, especialmente no caso brasileiro, na Teoria Crítica da Escola de Frankfurt. Segundo Doyle (2018, p. 27),

Pode-se dizer que competência crítica em informação é uma linha de estudos que: a) critica visões, pesquisas ou projetos ideologizantes de competência em informação; b) integra elementos da teoria crítica da sociedade e da pedagogia crítica [de Paulo Freire] em suas reflexões e práticas, e; c) se propõe a combater os efeitos nefastos do capital sobre a circulação de informação na sociedade.

Nesta perspectiva, a CCI está: a) comprometida com a atenção aos contextos sociais, históricos, econômicos e culturais com foco na prática, promovendo o envolvimento da comunidade e colocando lentes nas questões de poder e disputas; b) focada nas questões de equidade e justiça social, estimulando o sujeito a questionar e agir a fim de desnaturalizar as estruturas sociais e as visões de mundo; c) associada ao que é disponibilizado, técnico ou ensinado mas intencionada no que é criticamente apreendido e utilizado pelo sujeito na perspectiva da Teoria Crítica seguida por Paulo Freire.

Com foco na perspectiva humana, prática e contínua, sensível às influências que a informação sofre, a CCI investe na conscientização de que esta é socialmente construída, e se dá em um processo no qual se aprende o hábito de questionar as origens, interesses e contextos da produção e disseminação da informação, de uma maneira cumulativa e sempre em construção. Não tornando alguém competente, mas fomentando um exercício de desconfiança contínuo ao longo da vida. Até porque, as condições sociais, políticas, econômicas e culturais estão sempre em mutação, assim como a produção, disseminação e

compreensão coletiva e individual dos sentidos e conteúdo da informação, agregando as dimensões da CCI que favorecem a sua apreensão (BRISOLA, 2021).

A CCI passa a ser um adicional importante na educação que possui a finalidade de resistir à desinformação, somando-se à Coinfo, com a percepção crítica da Teoria Crítica e da Pedagogia Crítica (ÁVILA; MELLO, 2021; DOYLE, 2018).

2.3 Resiliência Informacional

O conceito de Resiliência Informacional é emergente no campo da informação (BRASILEIRO, 2020; LLOYD, 2015). Refere-se à capacidade responsiva dos agentes – relacionados uns com os outros em seus lugares de coexistência – de enfrentar os conflitos informacionais emergentes que ameaçam o desenvolvimento emancipatório das suas práticas de informação, e de modelar conjuntamente as práticas e os arranjos de informação para constituir bases referenciais catalizadoras da emancipação informacional.

O conceito reflete o modelo praxiológico da comunicação, o qual, de acordo com Quéré (2018), possui como premissa fundamental o fato de que a existência de um mundo comum deriva de um processo de modelagem mútua constituído pelos agentes por meio das atividades conjugadas, que realizam em suas comunidades de comunicação, e não simplesmente da transmissão de representações de um mundo predeterminado conduzido pelo emissor que se baseia na intencionalidade do receptor.

A relação conceitual entre a resiliência informacional e o modelo praxiológico da comunicação, portanto, se dá no caráter constitutivo e emergente do mundo comum a reboque das atividades conjugadas nos espaços compartilhados pelos agentes. Ressalta-se que, embora se ajustem e se realizem diante das situações que se apresentam, tais atividades constitutivas não são aleatórias e/ou desordenadas, mas sim expressões dos lugares de coexistência dos agentes na medida em que encarnam as bases de conhecimento organizadas coletivamente e historicamente. De modo sucinto: as atividades são práticas.

De acordo com Schatzki (2002), as práticas são as “atividades humanas organizadas”. Para o autor, tal organização das práticas se estrutura em três elementos: (i) os entendimentos (as competências para saber como participar das práticas), (ii) as regras (leis, manuais, normas, regulamentos ou procedimentos que orientam ou censuram o que deve ser dito ou feito), e (iii) as estruturas teleoafetivas (os objetivos e interesses entrelaçados com as emoções e sentimentos aceitos na prática). Além desses, destacam-se os arranjos materiais

que correspondem às associações entre pessoas, equipamentos, tecnologias, instalações, entre outros, os quais coexistem com a prática e, portanto, agem em seus sentidos e possibilidades.

Numa perspectiva informacional, esse entendimento sobre a organização das práticas informacionais é concebido por Lloyd (2011, p. 285) ao defini-las como: “uma série de atividades e habilidades relacionadas à informação, constituídas, justificadas e organizadas por meio dos arranjos de um site social, e mediadas social e materialmente com o objetivo de produzir entendimento compartilhado e acordo mútuo sobre formas de conhecer”. Nesse sentido, as atividades em resposta às situações que se apresentam no cotidiano partem de uma organização composta por diferentes elementos (ou frentes) que se relacionam entre si, ao mesmo tempo em que constituem uma nova organização da qual emergem novas práticas.

Isso é importante para entendermos que o processo de emancipação informacional dos sujeitos em seus espaços compartilhados diante dos desafios da desinformação, por exemplo, ocorre em diferentes dimensões entrelaçadas: competências, regras, afetividade, arranjos materiais. Quanto maior as capacidades de enfrentamento dos conflitos informacionais emergentes relacionados à essas dimensões e de modelagem destas em direção à emancipação informacional, mais evidente é a resiliência informacional dos agentes.

Na perspectiva da pedagogia crítica da informação, as capacidades relacionadas às “dimensões organizantes” das práticas informacionais podem ser desenvolvidas criticamente de modo a contribuir com a resiliência informacional das comunidades, a exemplo do desenvolvimento da CCI articulado com uma afetividade libertadora em relação aos padrões desinformantes que nutrem a pós-verdade e a disseminação do ódio, bem como a organização de espaços e redes de pessoas conectadas a certos recursos materiais ou tecnológicos que condicionam a formação de arranjos informacionais favoráveis à emancipação informacional.

2.4 *Zeitgeist* da Desinformação

Aponta-se aqui algumas “realidades” como fundantes (que fundam/inauguram) e fundações (que alicerçam) deste cenário social, cultural, econômico e político que favorecem distopias informacionais como a desinformação, o *Zeitgeist*, o conjunto do clima intelectual e cultural do mundo numa determinada época e as características genéricas deste período.

Começando pelas implicações filosóficas advindas da pós-modernidade, ainda que esta não seja unanimidade como descrição da contemporaneidade. A pós-modernidade é filha das promessas não cumpridas da modernidade – o otimismo da razão, centrado no homem e na racionalidade, prometendo a verdade, baseada em fatos científicos, e a melhoria da qualidade de vida, advinda da industrialização e da universalização da educação.

A inadimplência das promessas da modernidade, em razão da violência imanente no direito, minou a confiança iluminista na verdade, na subjetividade humana, no progresso e produziu a crise da qual o pensamento pós-moderno é a expressão (BARATTA, 1995, p. 124).

Assim, o “pensamento forte” perde espaço para o “pensamento frágil”, renunciando às grandes sistematizações teóricas, históricas, sociais, iluministas, abrangentes e generalistas, e buscando as pequenas histórias, as pequenas verdades com sistematizações parciais e provisórias, o que, na maioria das vezes, é positivo. O pensamento pós-moderno é relativista. Este espírito relativista atinge a sociedade de maneira truncada e deturpada, não na aproximação com a ciência e com as sutilezas humana, mas em distanciamento e rejeição do científico e da verdade científica, abrindo caminho para a pós-verdade.

Junte-se a esta predisposição a relativização de tudo, o desprezo da racionalidade, a valorização das crenças “individuais” e o fenômeno da *Hiperinformação*, caracterizado pelo excesso constante de informações que chegam a cada pessoa diariamente. Essa constelação dificulta a filtragem, seleção e uso racional da informação, além de apagar informações importantes que passam despercebidas em meio ao soterramento de informações. Outra realidade que estimula o *Zeitgeist* da Sociedade da Desinformação é a *Hipervelocidade*. O ritmo acelerado que se impôs à vida e à informação torna a percepção superficial, sem chance de aprofundamentos, muito menos de uma suspensão da cotidianidade para dar atenção às novidades que chegam e aprofundamento do conhecimento.

Atropelando e atravancando ainda mais a informação, está a Economia da Atenção, que captura o tempo e a atenção das pessoas aderindo-as às telas. Consumidores de informação transformados em produto, vendido para publicidade, disponibilizando seus dados pessoais e colaborando com a coleta de novos dados, traçando novas fronteiras de consumo com a anuência e participação do usuário comum, na maioria das vezes sem consciência disso. A Economia da Atenção alimenta a vigilância e o Conhecimento Privilegiado. As grandes corporações conhecem mais dos indivíduos do que pessoas próximas. Os

algoritmos propiciaram um refinamento de dados e informações que alimentam *microtargeting*², gerando bolhas e manipulações comerciais e políticas de usuários.

A relação com imagens e textos na internet apontam para um Fetichismo da Tecnologia e da Imagem reduzindo a interpretação e leitura a imagens impactantes e textos absolutamente curtos. A contemplação passiva isola indivíduos, colabora para a alienação e fortalece a superficialidade. A ideia de que a internet contém todo conhecimento e que é livre colabora com a falta de interesse e curiosidade, como se tudo estivesse dado e ao alcance sempre que for necessário. Contudo, o fato de as informações estarem disponíveis não as transforma em conhecimento, para isto é preciso uma interação cognitiva pessoa/informação, o que não acontece na superficialidade veloz e abarrotada de nossos dias.

Complementando o quadro do espírito de nosso tempo, acirrado no individualismo, alienação, dicotomias e sectarismos, soma-se o Analfabetismo Ideológico (SEVILLA-GUZMÁN; PÉREZ YRUELA; GINER, 1978) e a Ignorância Ostentação. O primeiro, é caracterizado por um sincretismo ideológico em forma de coalizão que une grupos de ideologias distintas, a partir de interesses comuns, ainda que com notórias incompatibilidades, uma anomia que se caracteriza pela perda de orientação e incapacidade de perceber a realidade por falta de modelos viáveis. A segunda, reflete o estímulo da complacência com a mediocridade por um “nivelamento” de saberes raso, coincidente com a descrição de Marshall (2017, p. 18, tradução nossa) “a ignorância consciente cultivada pode ser útil na promoção da harmonia, pois as pessoas se rendem ao que já ‘conhecem’ sobre os outros e usam para estruturar suas comunicações”.

Brisola (2021) ressalta como mecanismos da desinformação: omissão, comoção, inundação (macro, média e micro), orientação (criar problemas para oferecer soluções, gradualidade, culpabilidade, interpretação, generalização, ilustração), infantilização, desorientação (fragmentação, negação, inversão, mistura, modificação), parcialidade dissimulada (desproporção, hierarquização, etiquetagem, fontes e analistas parciais, partes iguais, escamotear). Mecanismos estes elucidados aos estudantes na práxis desta proposta.

Considerando as características da Sociedade da Desinformação e os mecanismos apontados, e a desinformação como um complexo de ações, práticas desinformativas e cenários, intencionalmente construídos e determinados, a fim de forjar e manter a hegemonia

² Padrões usados para especificar conteúdos, individualmente.

dominante, acredita-se que conscientizar os estudantes e a comunidade que os cerca desta realidade e técnicas, criará uma resistência à desinformação. A hipótese sendo testada é que a consciência antecipada de que a desinformação pode estar em todos os ambientes informativos, não apenas nos não oficiais e seculares, antecipa a crença e aderência da desinformação.

2.5 Pedagogia Crítica da Informação

Bebendo na Pedagogia Crítica, propõe-se aqui uma pedagogia voltada para as relações contemporâneas com a informação. Para além da educação midiática, Coinfo e CCI esta é uma metodologia baseada em Paulo Freire, que agrega todas estas áreas e conceitos, na intenção de promover uma emancipação informacional da pessoa, que gere resistência à desinformação e a liberte do engano, manipulação e hiperinformação.

Na mesma linha e lógica da Teoria Crítica da Informação, definida por Fuchs (2009, p. 243) como

um esforço que se concentra ontologicamente na análise da informação no contexto de dominação, relações assimétricas de poder, exploração, opressão e controle, empregando epistemologicamente todos os meios teóricos e/ou empíricos necessários para fazê-lo, a fim de contribuir no nível praxeológico ao estabelecimento de uma sociedade participativa e cooperativa.

Conceitua-se a Pedagogia Crítica da Informação como a prática pedagógica crítica voltada para as interações com a informação, no contexto da desinformação e de dominação, das relações assimétricas de opressão, poder, exploração, controle, vigilância e manipulação, pautada epistemologicamente na Pedagogia Crítica e, conseqüentemente, na Teoria Crítica, fomentando o pensamento e consciência crítica que conduz a um “comportamento crítico e às mudanças sociais, percebendo a importância da informação e do conhecimento para a construção de novas hegemonias e, conseqüentemente, novas sociedades, mais harmonizadas com o outro e com a natureza” (BRISOLA, 2021, p. 8).

A práxis da Pedagogia Crítica em Informação vai buscar a emancipação dos sujeitos, utilizando os letramentos, competências, alfabetizações informacionais e midiáticas, compreendendo a informação da maneira mais ampla possível (como estudada pela Ciência da Informação), pensando também nas práticas, resiliência e mediação informacionais, mas sempre tendo como base epistemológica a pedagogia proposta por Paulo Freire.

Compreende-se que Paulo Freire traz uma proposta educativa com potencial para, adequada à realidade atual, construir uma resistência à desinformação, a partir também dos afetos. Como ele dizia, “Educar é um ato de amor”. É através também dos afetos que se pode combater a desinformação, que tem como uma de suas táticas a *Comoção*. Esta tática estimula o excesso de emoção e a aderência aos afetos, atrapalhando a análise racional e a percepção crítica da pessoa, abrindo uma porta no inconsciente e lá plantando temores, ideias, desejos, compulsões e crenças. O efeito tem se provado certo e as consequências perigosas. Superar a racionalização, através das emoções, despe a pessoa de condições de perceber as distorções e manipulações desinformativas. A narrativa utilizada conduz as emoções utilizando contexto, música, imagens, crenças etc. “O fato casual, a imaginação criativa e o desejo de crer são elementos que propiciam a falsificação da realidade no espectador ou expectador” (BRISOLA, 2021, p. 75).

Outra questão associada aos afetos é a sensação de pertencimento. Participando de bolhas e *clusters* com algumas ideias em comum, a pessoa é tragada pela sensação de pertencimento e aceitação, passando a concordar com o que diz o grupo. O poder do pertencimento alimenta a aderência à desinformação e ao negacionismo. Esta sensação faz com que as pessoas se agarrem às crenças falsas, mesmo quando confrontadas com a verdade ou quando elas mesmas se questionam. O fenômeno é muito próximo do fanatismo religioso que, em seus casos mais severos, levam os crentes a se transformarem em bombas humanas, a envenenarem-se e aos seus filhos ou doar todos os bens para uma seita.

Como combater afetos e laços fortes apenas com verdade e checagem de fatos? É preciso construir novos afetos. Para Freire é preciso “maravilhar”, “co-criar”, ser impulsionado permanentemente por uma “calorosa paixão”, estimular uma esperança que supere a realidade com ação e não com espera, a famosa “superança”. São afetos expressos na educação libertadora e emancipadora. Afetos que libertam ambos, opressores e oprimidos.

O opressor só se solidariza com os oprimidos quando o seu gesto deixa de ser piegas e sentimental, de caráter individual, e passa a ser um ato de amor àqueles. Quando, para ele, os oprimidos deixam de ser uma designação abstrata e passam a ser os homens concretos, injustiçados e roubados. Roubados na sua palavra, por isto no seu trabalho comprado, que significa a sua pessoa vendida. Só na plenitude desse ato de amar, na sua existência, na sua práxis, se constitui a solidariedade verdadeira (FREIRE, 1987, p. 20).

A proposta da Pedagogia Crítica da Informação é um primeiro passo para essa caminhada informacional multidisciplinar, de esforço conjunto, de pesquisas e conhecimentos somados e agregados.

3 RELATO DAS EXPERIÊNCIAS

O Projeto se encontra na primeira etapa, baseada nos fundamentos metodológicos da pesquisa-ação de acordo com Thiollent (1997) e na construção de afetos e de conteúdos, com Paulo Freire, nos encontros dialógicos e rodas de conversa com os grupos envolvidos. Desta maneira, as intervenções pretendem criar um ambiente propício para o trabalho de construção da resistência à desinformação, a partir do conhecimento do cenário, de suas táticas e dos conceitos que o envolvem.

3.1 Primeiro Contato – Campanhas nas instituições

Apoiados na ideia de conhecer o contexto e os interesses da comunidade na qual o Projeto é aplicado, seguindo a metodologia freiriana, dos afetos e resiliência, contatou-se as instituições escolhidas para uma primeira aproximação e apresentação do Projeto, com o objetivo também de dialogar com as gestões dos espaços sobre a viabilidade da execução das propostas de intervenção. Durante os meses de novembro e dezembro de 2022 foram visitados dois espaços comunitários e duas escolas, a saber, conforme Quadro 1 abaixo:

Quadro 1 – Diálogo com as entidades

Entidade	Ação
Escola Estadual Braz Baraculy	Diálogo com a gestão sobre o projeto e intervenção junto à turma da EJA com apresentação do projeto de extensão; palestra sobre os perigos da desinformação no processo eleitoral vigente; afixação de cartazes e panfletagem sobre dicas de combate à desinformação, <i>fact checking</i> etc
Instituto Voz Popular (IVP Paraíba) Ong voltada para a promoção dos direitos das crianças, adolescentes e promoção da comunicação popular	Roda de conversa com os adolescentes atendidos sobre a desinformação no cotidiano de vida em comunidade. Afixação de cartazes, panfletagem com o grupo e conversa com a coordenadora do espaço para entender as situações desinformativas que atingiam a comunidade do entorno.
Associação de Moradores/Feira Comunitária Luta Castelo	Afixação de cartazes, panfletagem e Stand informativo na feira de economia solidária. A parceria com este tradicional evento no bairro importa no sentido de promover a interação dos arranjos sociais comunitários, estimulando sentimento de conexão e pertencimento aos espaços de convivência da comunidade e, assim, a resiliência informacional e os afetos.
Escola Estadual Cidadã João Goulart	Reunião com a gestão da escola para apresentação do projeto e debate sobre a necessidade de um projeto de combate à desinformação, que pudesse somar nas ações de enfrentamento à desinformação - realidade latente no cotidiano escolar desta instituição.

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

3.2 Definido e conhecendo melhor a escola que recebeu o projeto piloto

A Escola Estadual Cidadã Integral e Técnica Presidente João Goulart foi a instituição que, segundo avaliação dos pesquisadores, detinha estrutura pedagógica adequada, necessidades e realidade social condizente com a proposta de intervenções. A gestão da escola encaminhou os pesquisadores ao grupo de professores da área curricular de humanas e linguagens, entendendo que os trabalhos propostos seriam melhor desenvolvidos dentro das temáticas deste segmento do currículo escolar letivo. Houve uma reunião com a equipe de professores das disciplinas de História, Geografia, Sociologia, Filosofia, além de um técnico em pedagogia ligado ao Governo do Estado, que estava prestando uma consultoria na escola. Tal reunião foi de fundamental importância para que a equipe realizasse um levantamento detalhado das necessidades informacionais da comunidade escolar, entendesse as práticas e arranjos materiais habituais da comunidade escolar, acessasse o histórico recente de acontecimentos e conhecesse o contexto social no qual as turmas estão inseridas. Também foi possível avaliar o nível de engajamento da comunidade escolar, em especial dos professores designados, entendendo que a mediação destes em nossas atividades seria ponto crucial para o sucesso da adesão às ações. Com efeito, os professores abraçaram o projeto e revelaram à equipe uma sequência de situações desinformativas que a escola havia passado, com consequências danosas à comunidade escolar, até mesmo à vida em comunidade no bairro, atestando a importância da promoção da coesão social da escola, comunidade e universidade, para o efetivo enfrentamento das problemáticas emergentes no cotidiano escolar. Com todos os pontos debatidos e acertados, passou-se para o terceiro momento, de conhecer os estudantes, seguindo a metodologia escolhida.

3.3 Roda de conversa – Conhecendo os estudantes

Em comum acordo com os professores e direção, foi organizado dentro do espaço de uma das aulas uma roda de diálogo da qual participaram estudantes do 1º, 2º e 3º anos do ensino médio. Iniciado com uma rodada de apresentações e apresentação do Projeto, seguiu-se uma dinâmica de grupo na qual uma caixa de doces foi etiquetada com perguntas provocativas relacionadas ao contexto de vida, sociedade e tecnologias, em temáticas diversas, condizentes com a faixa etária dos alunos, aderindo também à pesquisa-ação.

A intervenção se inspirou na metodologia dos círculos de cultura proposto por Paulo Freire (1987), estimulando entre os adolescentes uma postura participativa para, de maneira lúdica e descontraída, captar aspirações, preferências, dúvidas e curiosidades do grupo. Esta

ação se mostrou fundamental para o estabelecimento de conexão e afetos, bem como estabelecer a dinâmica da metodologia adotada pelo projeto, de aderência à realidade cotidiana dos alunos e de coleta de palavras e temas geradores (FREIRE, 1987).

O material extraído deste círculo cultural embasou a elaboração das demais ações para que, além de informação e conhecimento, fossem vivências com aderência e sentido para os estudantes. A aproximação e a valorização dos saberes locais, usando a ponte entre os saberes seculares e acadêmicos e relacionando-os à temática da desinformação, mostrou-se uma metodologia fértil para desenvolver o interesse pelas interações.

3.4 Roda de debate – Conhecendo os responsáveis e contato com a comunidade

Foi proposta uma segunda atividade que atingisse de modo mais amplo a comunidade escolar, convidando alunos, responsáveis e funcionários da escola para uma roda de conversa: “Combate à desinformação: o que fazer quando as *fake news* espalham insegurança na escola e comunidade?”. O momento foi construído em parceria com a Feira Comunitária Luta Castelo, que levou expositores da comunidade, atração artística e informativos sobre o movimento comunitário, reforçando a importância da coesão comunitária representada por pessoas, grupos e instituições na luta contra os malefícios da desinformação e reforçando a resiliência informacional na comunidade. Na ocasião, teve-se também a participação de uma representante do grupo Intervenções – Coletivo Brasil de Comunicação, que contribuiu tanto na discussão quanto na socialização das produções de pesquisa no coletivo.

É preciso destacar a proatividade dos professores, que nos acompanharam na escola, em mediar pontos cruciais do encontro. Desde a acolhida inicial até a abordagem de casos sensíveis ocorridos na escola em consequência de situações desinformativas, a mediação destes professores foi um importante fator de integração e de estruturação teleoafetiva orientada para a construção de um arranjo informacional favorável à emancipação informacional dos sujeitos envolvidos. Houve adesão e participação ativa de parte dos estudantes presentes, que expuseram opiniões e dúvidas sobre a temática.

3.5 Atividade dirigida com os alunos em sala – narrativas percebidas

O primeiro bloco de intervenções na escola finalizou com uma atividade dirigida em sala com estudantes do 1º e 2º anos do ensino médio. Como sugestão dos professores, observou-se uma aula de geografia, com o conteúdo adaptado pelo professor, para abordar

como tema o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). O professor falou da atuação dos movimentos sociais no campo, expondo notícias que circularam nas redes sociais. Entre informações verídicas e *fake news*, os alunos foram estimulados a pensar e expressar suas opiniões e juízo de valor acerca do material exposto e do acesso às informações que recebiam em seus cotidianos. O material produzido desta discussão foi entregue às pesquisadoras para observação das narrativas circuladas em sala, para auxiliar nos temas geradores.

No segundo momento da aula, as pesquisadoras continuaram a conversa, aprofundando com os alunos os objetivos do projeto de extensão. Também foi socializada uma atividade dirigida, na qual os 20 alunos presentes responderam, de forma mais detalhada, questões sobre seus hábitos de consumo de informação, somando à análise posterior. Também foram divulgadas as próximas ações na escola, previstas para o segundo semestre, com abordagens diversas, como aulas virtuais, presenciais, cinema, circuito universitário, gincana, teatro do oprimido etc., despertando entusiasmo e expectativa nos alunos.

Nesta pesquisa-ação, dificuldades também se apresentaram: falta de infraestrutura tecnológica e de internet, engessando as possibilidades de intervenção; agendas remarcadas sem antecedência; dinâmica flutuante entre interesse x dispersão dos alunos e professores; outras ações na escola como solenidades e iminência de recesso escolar, que afetaram planejamentos prévios. Contudo, o saldo das interações foi bastante positivo e satisfatório para o prosseguimento da etapa dois do projeto, em fase de desenvolvimento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para fomentar o pensamento crítico, a resistência à desinformação e, prospectivamente, a resiliência informacional, é preciso criar laços e afetos. É preciso abraçar os ensinamentos de Paulo Freire e adequar as possibilidades educacionais e os conhecimentos informacionais. É preciso esforço de pesquisa, multidisciplinaridade, múltiplos conhecimentos e pesquisadores juntos na missão de educar para a resistência à desinformação. Não é guerra de confronto que espera vitória. Eles têm mais poder, mais armas e mais dinheiro que nós. É revolução educativa, afetiva, resistência, superança. Aqui só tentou-se o primeiro passo de uma longa jornada. A pesquisa-ação se faz no contato e através dos desdobramentos.

Este projeto pedagógico pretende, utilizando técnicas da Pedagogia Crítica e conceitos atrelados à Pedagogia Crítica da Informação, juntamente com a exposição e compreensão do

cenário e táticas de desinformação, conscientizar os estudantes a fim de fomentar uma resistência. Para isso acredita-se que é preciso fomentar também uma rede de resiliência crítica entre a comunidade, que envolve os estudantes e o caminho para isso passa pela afetividade e envolvimento do projeto com os adolescentes e com a comunidade.

A segunda etapa deste projeto será implementada entre os meses de agosto e dezembro de 2023, a partir de quando a equipe de pesquisadores, professores, gestão da escola e estudantes partirão para a terceira etapa, avaliação do projeto, que durará até março de 2024, quando será entregue o relatório final desta etapa.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Daniel Martínez; MELLO, Mariana Rodrigues Gomes de. Teoria crítica, pedagogia crítica e competência crítica em informação: aproximações teóricas à ciência da informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 26, n. 4, p. 1-23, 2021.

BARATTA, Alessandro. **Ética na Comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad, 1995.

BEZERRA, Arthur Coelho; SCHNEIDER, Marco; BRISOLA, Anna Cristina. Pensamento reflexivo e gosto informacional: disposições para competência crítica em informação. **Informação & sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 27, n.1, p. 7-16, jan./abr. 2017.

BRASILEIRO, Fellipe Sá. Emoções e redes colaborativas na resiliência informacional. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, 2020.

BRISOLA, Anna Cristina. **Competência Crítica em Informação como Resistência à Sociedade da Desinformação sob um olhar Freiriano**: Diagnósticos, epistemologia e caminhos ante as distopias informacionais contemporâneas. Orientador: Marcos Schneider. 2021. 293 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – PPGCI, 2021.

DOYLE, Andrée. Ideologia e competência crítica em informação: um olhar para movimentos de biblioteconomia crítica. **Revista Folha de Rosto**, Juazeiro do Norte, v. 4, n. 1, p. 25-33, 2018.

ELMBORG, James. Critical information literacy: Implications for instructional practice. **The Journal of Academic Librarianship**, [s.l.], v. 32, n. 2, p. 192-199, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FUCHS, Christian. Towards a critical theory of information. **TripleC**, Salzburgo, v. 7, n. 2, p. 243-292, 2009.

LEWANDOWSKY, Stephan *et al.* **The Debunking Handbook 2020**. DigitalCommons. 2020.

LLOYD, Annemaree. Stranger in a strange land: enabling information resilience in resettlement landscapes. **Journal of Documentation**, [s.l.], v. 71, n. 5, p. 1029-1042, 2015.

LLOYD, Annemaree. Trapped between a rock and a hard place: what counts as information literacy in the workplace and how is it conceptualized?. **Library Trends**, [s.l.], v. 60, n. 2, p. 277–296, 2011.

LUKE, Allan; KAPITZKE, Cushla. Literacies and libraries: archives and cybraries. **Pedagogy, Culture & Society**, [s.l.], v.7, n. 3, p. 467-491, 1999.

MARSHALL, Jonathan Paul. Disinformation Society, Communication and Cosmopolitan Democracy. **Cosmopolitan Civil Societies: An Interdisciplinary Journal**, [s.l.], v. 9, n. 2, p. 1-24, 2017.

MORETZSOHN, Sylvia. “Uma legião de imbecis”: hiperinformação, alienação e o fetichismo da tecnologia libertária. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 294-306, 2017.

PAWLEY, Christine. Hegemony’s handmaid? The library and information studies curriculum from a class perspective. **The Library Quarterly**, [s.l.], v. 68, n. 2, p. 123–144, 1998.

QUÉRÉ, Louis. De um modelo epistemológico da comunicação a um modelo praxiológico. *In*: FRANÇA, Vera; SIMÕES, Paula (org.). **O modelo praxiológico e os desafios da pesquisa em comunicação**, Porto Alegre: Sulina, 2018. p. 15-48.

SCHATZKI, Theodore R. **The site of the social**: a philosophical account of the constitution of social life and change. Pennsylvania: Pennsylvania State University, 2002.

SERRANO, Pascual. **Desinformação**: como os meios de comunicação ocultam o mundo. Rio de Janeiro: Espalhafato, 2010.

SEVILLA-GUZMÁN, Eduardo; PÉREZ YRUELA, Manuel; GINER, Salvador. Despotismo moderno y dominación de clase: para una sociología del régimen franquista. **Papers**, Revista de Sociologia, v. 8, p. 103-141, 1978.

THIOLLENT, Michel. **Pesquisa-ação nas organizações**. São Paulo: Atlas, 1997.